

# Autopercepção de idosos a respeito de suas condições auditivas, de sua escuta e de suas estratégias de comunicação

Elderly people's self-perception about their hearing conditions, their listening and their communication strategies

Autopercepción de ancianos acerca de sus condiciones auditivas, de su escucha y de sus estrategias de comunicación

*Rayssa Thayana Golinelli\**

*Giselle Massi\**

*Simone Krüger\**

*Israel Bispo dos Santos\**

*Adriele Barbosa Paisca\**

*Ana Paula Berberian\**

*Rita Tonocchi\**

*Ana Cristina Guarinello\**

## Resumo

**Introdução:** Estudos recentes na área da Fonoaudiologia vêm considerando a velhice, para além de aspectos orgânicos, a partir da participação social e da autonomia da pessoa idosa. Nesse sentido, cabe ressaltar o papel da linguagem, concebida como atividade dialógica, na promoção do envelhecimento ativo, a qual depende da possibilidade de escutar e de ser escutado. **Objetivo:** Investigar a autopercepção de idosos a respeito de suas condições auditivas, de sua escuta e de suas estratégias de comunicação. **Método:** Tendo em vista a análise dialógica do discurso, foi realizada uma entrevista semiestruturada

\* Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, Curitiba, PR, Brasil

### Contribuição dos Autores:

RTG e ACG - Concepção, delineamento, análise, interpretação dos dados e na redação final; GM, SK, IBS, ABP, APB, RT - Trabalharam na pesquisa, metodologia, análise, interpretação dos dados e na redação final.

Endereço para correspondência : Ana Cristina Guarinello [ana.guarinello@utp.br](mailto:ana.guarinello@utp.br)

Recebido: 25/07/2018

Aprovado: 08/06/2019

com sete idosos, com e sem perda auditiva, participantes de uma Oficina da Linguagem que ocorreu em uma Universidade localizada no Sul do Brasil, durante o ano de 2016. **Resultados:** Os enunciados produzidos pelos participantes evidenciam que os idosos fazem uso de estratégias para ouvir melhor, tais como aproximar-se do falante, olhar de frente e prestar atenção no outro. No que diz respeito à autopercepção da escuta, alguns idosos relacionam o fato de não ouvirem às experiências negativas na infância e aos seus anos na escola. **Conclusão:** A possibilidade ou dificuldade para escutar, na percepção dos participantes, distancia-se de explicações de caráter orgânico e indica a importância da valorização e do acolhimento à palavra singular do outro. Assim, essa percepção pode servir de referência a outros profissionais que trabalham com idosos, para que possam atuar, considerando cada idoso como único e suas produções discursivas como singulares. Essa mudança de olhar pode favorecer a autonomia, a qualidade de vida e a inserção social dessa parcela da população.

**Palavras-chave:** Idoso; Audição; Fonoaudiologia; Comunicação; Linguagem

### Abstract

**Introduction:** Recent studies in the area of Speech Language Therapy have considered aging in addition to organic aspects, based on social participation and autonomy of the elderly person. In this sense, it is necessary to emphasize the role of language, conceived as a dialogic activity, in the promotion of active aging, which depends on the possibility of listening and being listened to. **Objective:** To investigate the self-perception of the elderly regarding their hearing conditions, their listening and their communication strategies. **Method:** Based on the dialogical analysis of the discourse, a semi-structured interview was conducted with seven elderly people, with and without hearing loss, participants of a Language Workshop that took place in a University located in Southern Brazil during the year 2016. **Results:** The statements produced by the participants show that the elderly use strategies for better listening, such as getting closer to the speaker, looking straight ahead and paying attention to the other. Regarding the self-perception of listening, some elderly people relate the fact that they do not listen to negative experiences in childhood and their years at school. **Conclusion:** The possibility or difficulty to listen, in the participants' perception, distances itself from explanations of organic character and indicates the importance of valorization and acceptance to the singular word of the other. Thus, this perception can serve as a reference to other professionals who work with the elderly, so that they can act, considering each elderly and their discursive productions as unique. This change of look can favor the autonomy, the quality of life and the social insertion of this part of the population.

**Keywords:** Elderly; Hearing; Speech, Language and Hearing Sciences; Communication; Language.

### Resumen

**Introducción:** Estudios recientes en el área de la Fonoaudiología vienen considerando la vejez, además de aspectos orgánicos, a partir de la participación social y de la autonomía de la persona mayor. En este sentido, cabe resaltar el papel del lenguaje, concebido como actividad dialógica, en la promoción del envejecimiento activo, la cual depende de la posibilidad de escuchar y de ser escuchado. **Objetivo:** Investigar la autopercepción de ancianos acerca de sus condiciones auditivas, de su escucha y de sus estrategias de comunicación. **Método:** En vista del análisis dialógico del discurso, se realizó una entrevista semiestructurada con siete ancianos, con y sin pérdida auditiva, participantes de un Taller del Lenguaje que ocurrió en una Universidad ubicada en el Sur de Brasil, durante el año 2016. **Resultados:** Los enunciados producidos por los participantes evidencian que los ancianos hacen uso de estrategias para oír mejor, tales como acercarse al hablante, mirar de frente y prestar atención al otro. En lo que se refiere a la autopercepción de la escucha, algunos ancianos relacionan el hecho de no oír a las experiencias negativas en la infancia ya sus años en la escuela. **Conclusión:** La posibilidad o dificultad para escuchar, en la percepción de los participantes, se aleja de explicaciones de carácter orgánico e indica la importancia de la valorización y de la acogida a la palabra singular del otro. Así, esa percepción puede servir de referencia a otros profesionales que trabajan con ancianos, para que puedan actuar, considerando cada anciano como único y sus producciones discursivas como singulares. Este cambio de mirada puede favorecer la autonomía, la calidad de vida y la inserción social de esa parte de la población.

**Palabras claves:** Personas de edad avanzada; Audición; Fonoaudiología; Comunicación; Lenguaje.

## Introdução

Chegar à velhice é uma realidade populacional para a maioria dos países do mundo. Ainda que a melhora substancial dos parâmetros de saúde das populações observada no século XX esteja longe de se distribuir de forma equitativa nos diferentes países e contextos socioeconômicos, envelhecer não é mais privilégio de poucos. No Brasil, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2015 estimam que até 2060, o país deve ter 33,7% de sua população constituída por idosos<sup>1</sup>. A partir desses dados, ações governamentais destinadas aos idosos passaram a considerar sua capacidade funcional, sua necessidade de autonomia, e sua participação social.

Com relação à capacidade funcional dos idosos, cabe ressaltar que o envelhecer provoca mudanças biológicas, tais como perda da visão, doenças crônico-degenerativas e diminuição dos hormônios; psicológicas, como a dependência de outras pessoas em tarefas do seu cotidiano; e sociais em geral, relacionadas à diminuição da produtividade e da renda familiar<sup>2</sup>. Outra importante mudança biológica que acomete os idosos é a perda auditiva associada à idade.

No Brasil, essa perda vem sendo citada como a causa mais frequente da deficiência auditiva em idosos, podendo resultar em dificuldades na comunicação oral e na interação social. Geralmente, a perda auditiva associada à idade corresponde a uma surdez bilateral, simétrica, lentamente progressiva e, na maioria das vezes, de origem neurosensorial. É uma deficiência multifatorial, influenciada por fatores genéticos e ambientais, com destaque para o ruído, o uso de fármacos, bem como algumas patologias crônicas como a insuficiência renal, a diabetes e as hipovitaminoses<sup>3</sup>.

Estudos<sup>4,5</sup> apontam para os impactos significativos que as perdas auditivas associadas à idade exercem na qualidade de vida e no bem-estar dos idosos, relacionando-as à depressão e ao isolamento. Do ponto de vista emocional, além da depressão, tais perdas auditivas podem acarretar sentimentos negativos, como frustração, embaraçamento ou culpa pela incapacidade de se comunicar de maneira eficaz<sup>6</sup>. Além disso, a baixa autoestima, os sentimentos de exclusão e o isolamento social do idoso são relacionados às dificuldades de ouvir outras pessoas durante interações interlocutivas.<sup>7</sup>

Na área da Fonoaudiologia, pesquisas<sup>5,8</sup> comumente relacionam as perdas auditivas e a velhice apenas a aspectos orgânicos, que ocorrem durante o processo de envelhecimento e aos seus efeitos negativos na qualidade de vida desta população. Além disso, alguns trabalhos discorrem a respeito da perda auditiva associada à idade, referindo-se especificamente a aspectos que levam em conta o uso eficiente dos aparelhos auditivos de amplificação sonora (AASI)<sup>7,9</sup>. Cabe, porém, esclarecer que, apesar de a velhice ser marcada por perdas orgânicas, esse período da vida não deve ser caracterizado apenas por dificuldades e limitações, mas, também pelas possibilidades que os idosos têm para participar e contribuir com a comunidade em que estão inseridos<sup>10</sup>.

A partir desse entendimento, estudos recentes da área da Fonoaudiologia passaram a considerar o envelhecimento a partir de aspectos que vão além dos orgânicos, enfocando a participação social, a autonomia e o envelhecimento ativo<sup>5,8,10</sup>. Essas pesquisas vêm indicando que o trabalho com a pessoa idosa pode pautar-se na promoção da saúde, a partir da qual o seu protagonismo é enfatizado por meio de interações dialógicas efetivas e de discussões de temáticas de seu interesse, como: envelhecimento, linguagem, letramento, saúde, educação, entre outros. Ressalte-se que esse tipo de trabalho torna possível a formação de uma rede de relações, em que cada participante pode organizar e explicitar ideias, influenciando os demais.<sup>10</sup>

Nesse sentido, cabe ressaltar o papel da linguagem, concebida como atividade dialógica, na promoção do envelhecimento ativo<sup>6</sup>, entendendo que é por meio do diálogo que as pessoas, em diferentes ciclos de vida, relacionam-se entre si, influenciando-se, participando e transformando a comunidade em que vivem. Assim, nas relações sociais, as palavras constituem-se como uma ponte entre os interlocutores<sup>11</sup>, possibilitando que sejam escutados e que escutem a si mesmos.

Ressalta-se que o ouvir<sup>12</sup> é aqui concebido a partir dos sentidos da audição, ao próprio ouvido, enquanto escutar significa estar ali para o outro. Ouvir relaciona-se com a linguística do silêncio, do código, da redução da enunciação a frase, da redução do signo a sinal, do monologismo<sup>12</sup>. Esse ouvir, em geral, é praticado por profissionais que tendem a realizar um trabalho de homogeneização do universo comunicativo, no qual o signo verbal é reduzido unicamente às características do sinal

ou do som, ou seja, perceber os sons, palavras e frases de maneira monológica, fora das interações verbais<sup>13</sup>. Já escutar, é entendido como não indiferença pela alteridade da palavra, como acolhida, como atitude de dar tempo ao outro, de se entreter com os enunciados do outro: como escuta<sup>12,14</sup>.

Tendo em vista a relevância que o ato de escutar assume para a participação social, o presente estudo tem como objetivo investigar a autopercepção de idosos a respeito de suas condições auditivas, de sua escuta e de suas estratégias de comunicação.

## Métodos

Trata-se de um estudo que se configura como uma pesquisa-intervenção<sup>8</sup>, a qual delimita a construção conjunta de um espaço de ressignificação de opiniões, assumindo um caráter ativo e transformador da realidade. Pauta-se em uma perspectiva dialógica da linguagem, a qual, de acordo com Bakhtin<sup>12</sup>, considera que o pesquisador analisa e intervém na prática/discurso dos sujeitos envolvidos, a partir de sua posição responsiva e de autoria. Nessa perspectiva, o espaço da pesquisa é visto como lugar de produção de práticas discursivas, que oportunizam tanto a ressignificação do passado, quanto a abertura de um porvir. Desse modo, cabe ressaltar que a criação de um espaço para dialogar, valorizar as vozes e envolver os participantes é fundamental para o uso da língua escrita e falada e a ressignificação da história de vida de cada sujeito<sup>8</sup>.

Participaram deste estudo sete idosos, reconhecidos por nomes fictícios, os quais fizeram parte de um trabalho de promoção da linguagem a partir de atividades dialógicas. Cabe esclarecer que este trabalho, chamado Oficina da Linguagem, vincula-se ao Curso de Graduação em Fonoaudiologia e aos Programas de Mestrado e Doutorado de uma Universidade situada no sul do Brasil. Especificamente no ano de 2016, participaram dessa Oficina alunos da graduação, duas fonoaudiólogas e sete idosos, com e sem perda auditiva. Os idosos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e passaram a frequentar a Oficina.

Os critérios para inclusão dos participantes foram: apresentar idade igual ou superior a 60 anos, participar da Oficina da linguagem e não apresentar lesões neurológicas.

Os participantes desta pesquisa são, portanto, sete idosos, seis mulheres e um homem. Reconhecidos pelos seguintes nomes fictícios: Maria,

Sara, Raquel, Talita, Lia, Marta e Mateus. A caracterização societária e das perdas auditivas dos participantes da pesquisa está explicitada abaixo:

- Maria: Mulher de 85 anos de idade, viúva, reside sozinha, concluiu ensino superior. Apresenta perda bilateral de grau moderado. Faz uso de AASI.
- Sara: Mulher de 62 anos de idade, casada, aposentada, reside com marido e filho. Ela concluiu o ensino médio. Possui audição normal.
- Raquel: Mulher de 66 anos de idade, divorciada, aposentada, reside sozinha. Concluiu o ensino superior e possui audição normal.
- Talita: Mulher de 65 anos de idade, viúva, aposentada, reside com o filho. Ela não chegou a completar o ensino fundamental. Apresenta perda auditiva bilateral de grau moderado. Processo de aquisição de AASI.
- Lia: Mulher de 85 anos de idade, solteira. Reside com uma filha e duas netas. Nunca frequentou escola e possui audição normal.
- Marta: Mulher de 67 anos de idade, casada, aposentada. Ela reside com o marido. Seu nível de escolaridade corresponde ao ensino médio incompleto. Apresenta perda auditiva moderada na orelha direita e anacusia na orelha esquerda. Faz uso de AASI.
- Mateus: Homem de 66, casado, aposentado. Reside com a esposa e uma filha. Ele cursou até 2º ano do ensino fundamental. Apresenta perda auditiva severa no ouvido esquerdo e moderada no direito. Faz uso de AASI.

A Oficina da Linguagem ocorreu durante o ano letivo de 2016, no qual foram realizados 25 encontros semanais, do período de fevereiro a dezembro, sendo que cada encontro teve a duração de 90 minutos. As atividades dialógicas desenvolvidas durante os encontros basearam-se na elaboração de textos orais e escritos a respeito de alguns temas específicos, tais como: juventude, infância, envelhecimento, entre outros. Todos os encontros foram gravados em áudio, por meio de gravadores de celulares e transcritos pelas alunas.

Cabe ressaltar que os textos escritos pelos participantes durante o segundo semestre de 2016 eram narrativas acerca do envelhecimento e dos projetos de cada idoso para o futuro. O processo de produção textual envolveu a discussão de cada texto pelo grupo que questionava, apontava lacunas, dava sugestões. Após a escrita e reescrita de cada texto, a produção escrita de cada idoso foi

transformada em um capítulo de livro publicado em forma de e-book nas redes sociais intitulado: “Dê trela para a velhice”.

Em novembro de 2016, todos os idosos participantes responderam a uma entrevista individual do tipo semi-estruturada, composta por um roteiro de 15 questões norteadoras, que tratavam da investigação da autopercepção de idosos a respeito de suas condições auditivas, de sua escuta e de suas estratégias de comunicação. O tempo médio para realização das entrevistas foi de 30 minutos. A entrevista é aqui entendida como um mecanismo enunciativo que promove a produção de textos pelos participantes da pesquisa. Além desses dados, foram registrados os enunciados produzidos durante os encontros, os quais diziam respeito a estratégias de comunicação utilizadas pelos idosos durante as interações sociais e autopercepção de suas condições auditivas e de sua escuta. A partir disso, as unidades de análise deste estudo foram as próprias enunciações discursivas resultantes da entrevista e da observação em lócus dos encontros.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tuiuti do Paraná, sob o protocolo de número 102/08.

## Resultados

A seguir são apresentados os resultados deste estudo que foram organizados em dois eixos temáticos, de acordo com o objetivo deste trabalho. O primeiro evidencia as estratégias de comunicação utilizadas pelos idosos durante as interações sociais, e o segundo a autopercepção dos participantes a respeito de suas condições auditivas e de sua escuta.

### *Eixo 1 – Estratégias de comunicação utilizadas durante as interações sociais*

Este eixo pretende explicar como os idosos que possuem ou não perda auditiva fazem uso de estratégias para interagir melhor e acompanhar suas práticas sócio-verbais. Para isso foram questionados sobre que estratégias utilizam para melhor participar das interações sociais. Para análise, foram selecionados os trechos enunciativos mais representativos coletados durante a entrevista e/ou os encontros.

**Quadro 1.** Enunciados dos idosos a respeito das estratégias de comunicação usadas durante as interações sociais

**1-Mateus-** *"Eu tenho que me dirigir o mais perto da pessoa possível ou se tiver conversando comigo, tem que estar olhando para mim. Porque daí eu pego tudo. Você vê o movimento dos lábios e com o pouco da audição você acha a palavra e consegue dar a resposta".*

**2-Talita-** *"Acho que presto mais atenção. Escutar e não prestar atenção não adianta."*

**3-Sara-** *"Eu tenho a mania de buscar o silenciamento. Costumo chegar aqui e limpar a mente para conseguir ouvir o que está acontecendo aqui, porque gosto de focar no que faço (...)"*.

**4-Mateus-** *"No início eu não podia estar onde tem muito barulho, muita gente. Até me adaptar. Esse sistema foi anos".*

**5-Talita-** *"Principalmente em aniversário de criança. Me convidam, me convidam e eu não vou por causa disso, aquela barulheira. As crianças vêm falar comigo, eu não entendo. Festa de igreja, também, é muita gente conhecida, daí tem muita gente falando, tem música e mistura tudo na minha cabeça."*

**6-Maria-** *"Eu cutuco ela e pergunto o que aconteceu, principalmente, quando todos estão rindo (...)"*.

**7-Marta-** *"Eu acho que, com o aparelho, eu escuto bem (...) Sinto dificuldade quando sento com alguém no ônibus e ela fala comigo do lado em que não uso aparelho...Eu acabo pedindo pra ela sentar do lado em que uso aparelho (...) No telefone também... às vezes eu tenho mais dificuldade para ouvir...Em festas, eu acabo ficando mais na minha, pela dificuldade em entender quando muita gente fala ao mesmo tempo.. Não gosto de ficar pedindo para repetir o que disse quando não conheço a pessoa direito ... quando dá, eu tento me aproximar dela para escutar mais."*



Em relação aos resultados do primeiro eixo, que se refere às estratégias utilizadas pelos idosos durante as interações sociais, percebeu-se no enunciado 1 de Mateus, que uma das estratégias utilizadas por ele é olhar para o interlocutor durante as interações e estar de frente para o mesmo. Para esse participante, essa estratégia permite que ele participe mais ativamente do discurso. É preciso esclarecer que Mateus possui perda auditiva e afirmou durante a entrevista que não faz uso da leitura orofacial. Mas ao esclarecer que a pessoa deve estar olhando para ele durante o diálogo, pode-se presumir que ele usa a leitura orofacial como estratégia para facilitar seu entendimento da fala do outro.

No enunciado 2 de Talita, nota-se que a estratégia citada por ela, que possui perda auditiva, é prestar mais atenção, ou seja, estar mais atenta à situação e ao contexto interativo. Já o enunciado 3 de Sara, que tem audição normal, também explicita que, para compreender o que está acontecendo no grupo, precisa silenciar, ou seja, focar no que está acontecendo.

Os enunciados 4 e 5, dos participantes Mateus e Talita, referem-se à dificuldade de compreensão auditiva em ambientes ruidosos. Observa-se que esta é uma queixa comum entre as pessoas com perda auditiva, e que no caso dos participantes da oficina da linguagem, os afasta de situações sociais.

No enunciado 6, formulado por Maria, é possível acompanhar que a estratégia citada por ela é buscar o auxílio de quem está próximo a ela para participar mais ativamente das interações dialógicas. Essa participante possui perda auditiva e quando muitas pessoas falam ao mesmo tempo, ela não consegue acompanhar o diálogo.

Já a estratégia citada no enunciado 7, de Marta, refere-se a virar-se para o lado que tem uma perda menor para conseguir acompanhar as conversas. Tais enunciados deixam claras as dificuldades enfrentadas por idosos com perda auditiva no cotidiano, ou seja, como essas perdas afetam sua interação social em momentos do dia-a-dia, como por exemplo, no ônibus ou no telefone.

### *Eixo 2- Autopercepção dos idosos a respeito das suas condições auditivas e de sua escuta*

Esse eixo relaciona-se à autopercepção dos idosos acerca das suas condições auditivas e de sua escuta. Os excertos das falas dos participantes foram escolhidos por serem representativos da temática analisada. A partir dos enunciados dos participantes chegou-se a três sub-eixos temáticos:

- Possibilidades de escuta na infância;
- Relação entre escuta e escolarização;
- Mudanças percebidas após participar de atividades dialógicas.

### **Quadro 2.** Enunciados dos idosos a respeito das suas condições auditivas e de sua escuta

#### **1) Possibilidades de escuta na infância**

**8-Raquel:** "Na hora das refeições, eu tinha 3 irmãos, você ficava na mesa só comendo. O meu pai, se a gente falasse alguma coisa, já fazia aquela cara que você morria de medo. Agora, imagine 3 crianças quietas... não existe. Naquele tempo, as crianças também não eram quietas. Então, na hora da refeição, você ficava ali comendinho, comendinho, olhava para o irmão e ficava com uma vontade de dar risada. Se você desse um piu, se você falasse alguma coisa, aff!"

**9-Maria:** "Criança que não podia falar na mesa, criança não era ouvida, criança não sabia o que dizia."

**10-Marta:** "Não podia ouvir nada do que os pais...os adultos falavam. Não faça isso, não faça aquilo e não explicavam o porquê. Eu tinha medo do meu pai, não era respeito, era medo."

#### **2) Relação entre escuta e escolarização**

**11- Talita:** "Eu ouço o que as pessoas falam, mas não escuto o que elas dizem. Não compreendo (...) Em qualquer assunto do dia-a-dia. Percebi isso recentemente. Parece que não acompanho o raciocínio dos outros. Acho que porque estudei pouco."

**12- Mateus:** "Era uma época difícil de por criança na escola... mas a gente conseguiu aprender assinar o nome... e depois com o tempo adquirimos a sabedoria da vida... a gente vai ficando velho e começa observar muito mais as coisas...as pessoas... eu perdi um pouco esse aprendizado de escutar porque estudei pouco ... mas a gente vai com Deus e dá tudo certo".

**13- Lia:** "Sabe...acontece de eu não entender...mas não entendo porque não tenho estudo (...) Sabe aquela palavra difícil? Eu escuto bem... mas não sei o que quer dizer"

**3) Mudanças percebidas após participar de atividades dialógicas**

14- **Talita:** "Eu quero estar melhor, porque agora eu saí da toca, quando eu vim aqui, eu fui querer voltar a estudar, meu desejo é permanecer fora da toca".

15- **Maria:** "Devido alguns traumas de infância eu sempre tive uma autoestima baixa... as minhas sobrinhas diziam que eu era uma escritora eu pensava... Coitadas... só pra me agradar (...) eu NUNCA tive a coragem de me achar uma escritora... mesmo quando eu faço poesia... as pessoas lêem e me dizem que é lindo e eu acabo achando que é só pra me agradar... quando eu cheguei nesse grupo... eu cheguei bem perdida... com medo... nunca tinha ouvido falar sobre isso... mas só a acolhida foi maravilhosa..."

16- **Marta:** "Já contei no grupo que teve uma época em que eu quis escrever um livro sobre minha vida... Lembro tudinho, desde que tinha 2 anos... Mas um amigo meu me desanimou, dizendo que era muito difícil escrever um livro... que era melhor eu esquecer (...) Depois da oficina, eu decidi escrever... já comprei até um caderninho pra começar minhas anotações".

Percebe-se nos enunciados 8, 9 e 10, que durante o período da infância, esses participantes referem dificuldades para falar durante os momentos com a família, pois não tinham espaço para se posicionar, não se sentiam escutados em âmbito familiar. Já os enunciados 11, 12 e 13 relacionam o fato de terem dificuldade para escutar à pouca escolaridade.

Com relação às mudanças que ocorreram a partir da participação na oficina da linguagem, o enunciado 14, de Talita demonstra que o trabalho dialógico proposto teve um efeito positivo para ela, fazendo com que se movimentasse em busca de antigos sonhos. Assim, a partir das conversas realizadas neste espaço, ela, que afirmava que não era escutada e que não teve oportunidade de frequentar a escola, mobilizou-se e voltou a estudar.

Ainda no que se refere aos efeitos positivos relacionados à participação na oficina da linguagem os enunciados 15, de Maria, e 16, de Marta, indicam o papel de atividades dialógicas, nas quais se sentiram acolhidas e valorizadas pelas suas produções discursivas e experiências de vida.

**Discussão**

Antes de discutir os dois eixos temáticos apresentados anteriormente, cabe analisar, brevemente, aspectos relacionados à caracterização societária dos participantes. Apesar de este estudo ter sido realizado com sete participantes, a caracterização da amostra está de acordo com outros estudos. Assim, é possível observar uma prevalência feminina de idosos no Brasil. Os dados do IBGE<sup>1</sup> indicam que tal prevalência pode ser atribuída ao fato de que as mulheres, além de viverem mais, procuram mais os serviços de saúde, e, em geral, desenvolvem uma percepção mais aguçada em relação ao seu estado de saúde. Pesquisa<sup>15</sup> demonstra que a principal

explicação para a diferença de vida entre os sexos, no Brasil, é que as mortes violentas ainda atingem com mais intensidade a população masculina. Entende-se por mortes violentas, aquelas relacionadas principalmente a acidentes automobilísticos e homicídios. O abuso de bebidas alcoólicas, também, é um importante fator de risco para a ocorrência das mortes violentas.

No que se refere aos níveis de escolaridade, pode-se constatar que há uma variação significativa em relação aos participantes desta oficina: uma idosa não é escolarizada; uma idosa e um idoso possuem ensino fundamental incompleto e outra idosa, o ensino médio incompleto; uma idosa possui ensino médio completo; e duas idosas concluíram o ensino superior. Estudo<sup>16</sup> aponta que a baixa escolarização da população idosa se deve, provavelmente, à situação educacional do país no período em que esses participantes estavam em idade escolar.

Com relação à audição desses idosos, pode-se verificar que este grupo é constituído por três idosos com audição normal e outros quatro com perdas auditivas. Tais perdas são decorrentes da idade avançada dos participantes<sup>7</sup> e podem comprometer seriamente o processo de interação social desses idosos<sup>17</sup>.

Em relação ao primeiro eixo temático, que se refere às estratégias utilizadas pelos idosos durante as interações sociais, um participante que possui perda auditiva afirmou que utiliza como estratégia a leitura orofacial. É preciso esclarecer que a leitura orofacial é considerada o ato de compreender a palavra pela interpretação dos movimentos articulatorios do interlocutor<sup>18</sup> auxiliando pessoas que têm perdas auditivas a visualizarem as palavras além de ouvi-las. No entanto, essa estratégia depende de vários fatores, tais como a velocidade da fala, a articulação do falante, o conhecimento das palavras articuladas, o que faz com que, em geral,

apenas 25% da fala seja compreendida apenas por esse meio<sup>18</sup>.

Duas outras participantes, com e sem perda auditiva, explicitaram que precisam prestar mais atenção na fala do outro, ou seja, estar mais atentas à situação e ao contexto interativo. Essa estratégia, utilizada tanto por quem possui perda auditiva, quanto por quem não possui, pode ser analisada a partir do conceito bakhtiniano de compreensão responsiva<sup>19</sup>, o qual refere-se a resposta no diálogo ou a resposta silenciosa. No entanto, entende-se que a resposta pode não vir logo depois da pronúncia do enunciado, porque a compreensão responsiva pode ser realizada da seguinte maneira: imediatamente na ação (cumprimento de ordem, comando entendidos e outros); como por meio da compreensão responsiva silenciosa, denominada também de compreensão responsiva retardada, na qual o que foi dito é escutado ativamente e só será respondido nos discursos seguintes<sup>19</sup>.

É preciso esclarecer que a compreensão da fala do outro ocorre num contexto concreto preciso, assim, na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra vem sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial<sup>11</sup>. Assim, ao participar de atividades em grupo, tendo perda auditiva ou não, compreendemos os enunciados e somente reagimos àqueles que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Nesse sentido, entende-se por compreensão ativo-responsiva a busca de sentido na fala do outro, processo esse que será mais intenso ou menos intenso na medida em que a fala do locutor traga mais ou menos recursos da língua(gem). Compreender o outro significa estabelecer sintonia com ele, ainda que sob a forma de discordância. Quando nos fazemos compreender pelo outro estamos fazendo corresponder, às nossas palavras, as palavras dele. Dessa forma, no processo de compreensão ativa e responsiva, a fala do outro deflagra a inevitabilidade da busca de sentido(s) e essa busca, por sua vez, posiciona “aquele que compreende” que passa, então, a ser orientado para a enunciação do outro<sup>12</sup>.

Com relação à estratégia citada por dois participantes diante de dificuldades para ouvir em ambientes ruidosos, estudo, acerca das perdas auditivas em idosos, esclarece que quando eles não compreendem o que é dito, há uma tendência de

abandonar as atividades do cotidiano, o que pode causar sentimentos de solidão, infelicidade e desinteresse<sup>5</sup>. Assim, é comum que o idoso com perda auditiva busque ambientes mais silenciosos, com menos pessoas e menos possibilidades de interação social, como afirmou Talita no enunciado 5.

Outra questão pontuada por Mateus, no enunciado 4, diz respeito à adaptação da prótese auditiva que, segundo ele, foi um processo demorado. Esse dado difere de outro estudo que demonstra que após 30 dias de uso do AASI ocorrem mudanças significativas na vida social do idoso<sup>9</sup>. No caso de Mateus, tal processo demorou muitos anos, o que demonstra a importância de considerar cada idoso como singular, já que cada um possui sua história, seu espaço que não poderá ser ocupado por nenhum outro. Ao perceber cada pessoa como única, em sua própria existência, o fonoaudiólogo pode compelir cada sujeito a se posicionar, a responder pela sua existência<sup>10</sup>.

Com relação à estratégia de pedir ajuda a quem está mais próximo, citada no enunciado 6, quadro 1, cabe esclarecer que essa foi utilizada pela participante durante praticamente todos os momentos dos encontros. Quando isso ocorria, as fonoaudiólogas que participaram das atividades dialógicas observavam se somente essa estratégia era suficiente para que Maria participasse ativamente das interações dialógicas, ou se era preciso explicar novamente o que estava sendo discutido voltando-se para ela.

Percebeu-se, durante os encontros, que pelo fato de essa participante apresentar perda auditiva, quando muitas pessoas falavam ao mesmo tempo, ela não conseguia acompanhar. Porém, ela não deixou de participar das interações discursivas devido à sua perda auditiva. Provavelmente por se sentir acolhida e valorizada pelos demais integrantes do grupo, Maria se viu convocada a participar das atividades dialógicas em todos os encontros.

O enunciado de Maria indica também que o processo de escuta vai muito além das questões orgânicas de ter ou não ter uma perda, evidenciando que escutar não é uma atividade passiva, dependente apenas da integridade do aparelho auditivo. A escuta coloca em movimento o sujeito, fazendo-o falar, deparar-se com seu não saber, com suas dúvidas acerca de si e do mundo<sup>12</sup>.

Maria relatou, durante a entrevista, que faz parte de um grupo de pessoas que se reúne para pintar, no qual ela praticamente não usa estratégias para escutar e participar, pois julga que a maioria



dos assuntos discutidos não são interessantes. Ela conta, inclusive, que chega a tirar o aparelho auditivo por conta do ruído que acontece, quando todos os demais participantes falam ao mesmo tempo.

Outra estratégia citada pelos idosos foi aproximar-se do falante e virar para o lado que escutam melhor. Ressalta-se que essas estratégias também foram citadas em um estudo<sup>7</sup>, o qual demonstra que os idosos que apresentam perda auditiva associada à idade experimentam uma diminuição da sensibilidade auditiva e uma redução na inteligibilidade da fala, comprometendo o seu processo de interação social. Quando essa perda auditiva afeta os sons agudos, a percepção das consoantes torna-se muito difícil, especialmente, em momentos em que a interação ocorre em ambientes ruidosos. Apesar de concordar com esse estudo, é preciso ressaltar que durante as interações sociais, pessoas com ou sem perda auditiva, devem ter uma compreensão responsiva para a fala dos outros, de outro modo, seu entendimento diminui.

No eixo dois, que busca analisar a significação dada pelo idoso às suas condições auditivas e à sua escuta, pode-se perceber que os participantes relacionam a própria escuta com a infância, com o nível de escolaridade e com o impacto da participação da oficina em suas vidas.

Quando os idosos relacionam a dificuldade para escutar com o pouco espaço que tiveram, em casa, para serem ouvidos, deve-se considerar que as experiências vividas ao longo da vida de cada um, geram processos de apropriação da linguagem e posicionamento frente às suas histórias de vida singulares. Assim, em cada situação de interação com o outro, cada pessoa encontra-se em um determinado momento de sua trajetória particular, trazendo consigo certas possibilidades de interpretação e ressignificação das experiências anteriores<sup>20</sup>. A infância é um período em que ocorrem experiências com efeitos determinantes e configuradores de todo o desenvolvimento posterior<sup>20</sup>, refletido ao longo da vida de cada um.

Além do pouco espaço para falar, em âmbito familiar, há uma tendência por parte desses idosos para associar a dificuldade para escutar com a pouca escolaridade. Segundo estudos<sup>21-23</sup>, os adultos pouco escolarizados tendem a apresentar um modo de pensamento baseado na experiência individual e nas relações concretas, observadas na vida cotidiana, ao passo que aqueles com maior grau de escolaridade operam de forma desvinculada das

situações concretas, fazendo, em geral, reflexões mais elaboradas sobre determinados assuntos.

Já, com relação às mudanças que ocorreram a partir da participação na oficina da linguagem, alguns enunciados apontam que as atividades dialógicas, propostas no grupo, tiveram um efeito positivo na interação social. Assim, pode-se inferir que as atividades grupais realizadas durante a Oficina da Linguagem viabilizaram espaços para que as várias vozes que participam dos encontros produzissem ressonâncias<sup>24-26</sup>. Percebe-se que cada palavra, produzida por um participante do grupo, espera uma contra-palavra dos interlocutores e essa convocação mútua, estabelecida entre quem fala e quem ouve, cria situações capazes de desestabilizar posições cristalizadas, ampliar conhecimentos sobre assuntos debatidos, promover reflexões, levando os participantes do diálogo a novas tomadas de posições<sup>25-27</sup>.

A oficina também foi citada por parte dos participantes desse grupo, como um espaço de acolhida e valorização, assim pode-se afirmar que a partir das relações sociais estabelecidas, esses participantes puderam ressignificar seu próprio envelhecimento e sua história. Ao analisar tais enunciados sob a ótica bakhtiniana pode-se entender que as palavras enunciadas em dado contexto social se constituem como uma ponte entre os interlocutores<sup>11</sup> e é por meio dessa ponte que cada idoso escutando e sendo escutado pode construir novos caminhos para o próprio envelhecimento, se reconhecendo como contribuinte social<sup>28,29</sup>.

A análise dos enunciados produzidos por idosos durante os encontros da oficina da linguagem indica que a escuta depende da intenção de considerar a palavra do outro, sua história e suas opiniões. Em outras palavras, escutar é compreender o sentido da enunciação, entendendo que o destinatário da palavra é ativo e parte de uma posição responsiva, por meio do encontro de palavras. Entende-se, portanto, que cada enunciação viva, mesmo aquela de quem começa a falar, tem um caráter de resposta ativa e cada compreensão é, por sua vez, uma resposta, antes mesmo que o ouvinte tome a palavra<sup>11</sup>.

## Conclusão

A partir da análise dos enunciados dos integrantes da Oficina da Linguagem, pode-se concluir que todos os idosos, com perda auditiva ou não,

fazem uso de estratégias para interagir socialmente, dentre essas foram citadas, olhar para o falante, prestar atenção em quem fala, pedir ajuda ao outro, aproximar-se e afastar-se de situações interativas. Apesar do uso de estratégias, durante as interações dialógicas, é preciso destacar a importância de se ter uma compreensão responsiva, isto é, estar para o outro, e na medida em que isso acontece sentir-se inserido, acolhido, tal como ocorre na Oficina da Linguagem.

No que diz respeito à autopercepção das condições auditivas e da escuta, foi possível perceber que os participantes não relacionam sua não escuta com aspectos orgânicos. Ao contrário, nos enunciados analisados, ficou evidente que participantes da pesquisa relacionam o fato de não escutarem com experiências negativas que tiveram na infância e com pouca escolaridade.

Os resultados deste trabalho podem ser considerados inéditos, já que se afastam de uma visão da velhice sob um viés orgânico e aproximam-se de uma perspectiva dialógica, que considera cada sujeito em sua singularidade. Assim, podem servir de referência para outros profissionais que trabalham com idosos, para que possam atuar, considerando cada idoso como único e suas produções discursivas como singulares. Essa mudança de olhar pode favorecer a autonomia, a qualidade de vida e a inserção social dessa parcela da população.

## Referências

1. Brasil, IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mudanças demográficas no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções da população; 2017.
2. Ciorba A, Bianchini C, Pelucchi S, Pastore A. The impact of hearing loss on the quality of life elderly adults. *Clin Interv aging*. 2012; 7: 159-63.
3. Borges DT, Dalmolin BM. Depressão em idosos de uma comunidade assistida pela Estratégia de Saúde da Família em Passo Fundo, RS. *Rev Bras Medic Família e Comunidade*. 2012; 7(23): 75-82.
4. Medeiros ALF, Fagundes ASG, Oliveira ASS, Costa AS, Melo MCSS. A extensão universitária enquanto espaço de vivência e diálogo intergeracional. *Rev Extendere*. 2013; 1(2): 123-34.
5. Braga M, Ribas A, Moretti C, Massi G, Martins J, Rosa MRD et al. Depressive symptoms in elderly living only or accompanied: the impact of hearing protection. *MOJ Gerontology & Geriatrics*. 2017; 2(1): 37-41.
6. Ferreira CK, Massi GAA, Guarinello AC, Mendes J. Encontros intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e de idosos. *Distúrb. Comun*. 2015; 27(2): 253-63.
7. Carioli J, Teixeira AR. Use of hearing AIDS and capacity in middle age and elderly individual. *Int. Arch. Otorhinolaryngol*. 2014; 18(3): 249-54.
8. Massi G, Wosiacki, FT, Guarinello AC, Lacerda ABM, Carvalho, TP, Wanderbrooke AC et al. Active aging: an intervention-research report. *Rev CEFAC*. 2018; 20(1): 5-12.
9. Fialho IM, Bortoli D, Mendonça GG, Pagnosim DF, Scholze AS. Percepção de idosos sobre o uso de AASI concedido pelo sistema único de saúde. *Rev. CEFAC*. 2009; 11(2): 338-44.
10. Lourenço RC, Massi G, Lima RR. Language and aging: a search for resignifications of life stories. *Rev. CEFAC*. 2014; 16(2): 672-8.
11. Souza RV, Almeida MF. A compreensão responsiva em aulas de leituras. *Rev Diálogos. Relendo Bakhtin*. 2017; 5(1): 81-98.
12. Bakhtin M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec; 2004.
13. Santana AP, Guarinello AC, Bergamo A. Speech language therapy clinic and the Portuguese acquisition as a second language for the deaf. *Distúrb. Comun*. 2013; 25(3): 440-51.
14. Lampoglia F, Miotello V. O silêncio e o calar sobre a ditadura militar pelo olhar de bakhtin: a diferença entre o ouvir e o escutar. *Rev Pamlimpsesto*. 2012; 14(11): 1-14.
15. Camargo MCS, Gonzaga MR. Viver mais e melhor? Estimativas de expectativa de vida saudável para a população brasileira. *Cad. Saúde Pública*. 2015; 31(7): 1460-72.
16. Souza IAL, Massi G, Berberian AP, Guarinello AC, Carnevale L. The impact of discursive linguistic activities in promoting the health of elderly people in a long-term care institution. *Audiol Commun Res*. 2015; 20(2):175-81.
17. Kozłowski RA, Almeida L, Marques GM, Silvestre JÁ, Mottecy RM. Qualidade de vida: comparando resultados em idosos com e sem presbiacusia. *Rev bras geriatria e gerontolo*. 2014; 17(2): 353-62.
18. Toffolo ACR, Bernardino ELA, Vilhena DA, Pinheiro AMV. Os benefícios da oralização e da leitura labial no desempenho de leitura de surdos profundos usuários da Libras. *Rev Brasil Educ*. 2017; 22(71): 1-24.
19. Ponzio A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João Editores; 2010.
20. Bastos ABBI. A escuta psicanalítica e a educação. *Rev Psicólogo in Formação*. 2009; 13(13): 91-8.
21. Massi G, Berberian AP, Guarinello AC, Lourenço RCC, Tonocchi R. Language and aging: written autobiographical practices with elderly. *Rev. CEFAC*. 2015; 17(6): 2065-71.
22. Souza Filho PP, Massi G. Literacy of Brazilian elderly over 65 years. *Distúrb. Comun*. 2014; 26(2): 267-76.
23. Souza Filho PP, Massi G, Ribas A. Escolarização e seus efeitos no letramento de idosos acima de 65 anos. *Rev Bras Geriatr gerontol*. 2014; 17(3): 589-600.
24. Reimann AP, Massi GAA. Atividades grupais com a linguagem no envelhecer. *Tuiuti: Ciência e Cultura*. 2013; 47(1): 199-212.
25. Guarinello AC, Massi G, Berberian AP, Tonocchi R, Valentim SML. Speech language group therapy in the context of written language for deaf subjects in Southern Brazil. *Deafness & Education Internat*. 2017; 1(3-4):1-11.



26. Both JE, Leite MT, Hildebrant LM, Pilati ACL, Stamm B, Jantsch L. Grupos de convivência: uma estratégia de inserção do idoso na sociedade. *Rev Contexto saúde*. 2011; 10(20): 995-8.
27. Lourenço RCC, Massi G, Lima RR. Language and aging: a search for resignifications of life stories. *Rev. CEFAC*. 2014; 16(2): 672-8.
28. Finger D, Gomes AM, Schroder JD, Germani ARM. Promoção da saúde e prevenção de doenças: Idosos como protagonistas desta ação. *Rev Enfermag. FW*. 2015; 11(11): 80-7.
29. Saquetto M, Schettino L, Pinheiro P, Sena ELS, Yarid SD, Gomes Filho DL. Aspectos bioéticos da autonomia do idoso. *Rev. bioét*. 2013; 21(3): 518-24.